ISSN 0871 - 4061

Revista AQVAE FLAVIAE

N.º41 DEZEMBRO 2009

CONGRESSO TRANSFRONTEIRIÇO DE ARQUEOLOGIA

MONTALEGRE, OUTUBRO DE 2008

GRUPO CULTURAL AQVAE FLAVIAE

Revista
AQVAE FLAVIAE

N.º41 DEZEMBRO 2009

GRUPO CULTURAL
AQVAE FLAVIAE

Capa:
Castro de San Cibran de Lás - Ourense

Publicação com o apoio de:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

ISSN: 0871-4061

GRUPO CULTURAL AQVAE FLAVIAE

REVISTA AQVAE FLAVIAE

REV. AQVAE FLAVIAE | CHAVES | N.º41 | P.1-512 | DEZ. /2009

Grupo Cultural Aqvae Flaviae

Publicação Semestral
Propriedade do Grupo Cultural Aqvae Flaviae

Sede e Redacção
Sede do Grupo Cultural Aqvae Flaviae, Rua direita, 41 - 5400-220 Chaves

Director
Júlio Montalvão Machado

Comissão Redactorial
Alípio Martins Afonso, Firmino Aires,
Isabel Viçoso, Júlio Montalvão Machado

Concepção Gráfica e Execução
Nicola Papa Sociedade de Artes Gráficas, Lda.

ISSN - 0871 - 4061
Depósito Legal - xxx

Tiragem
1100 exemplares

Preço
15€

Os trabalhos enviados pelos colaboradores serão submetidos à apreciação da Comissão Redactorial que deliberará sobre a oportunidade e interesse da sua publicação.

Os originais devem ser dactilografados em A4, a dois espaços.

A colaboração assinada é da exclusiva responsabilidade dos seus autores, não refletindo necessariamente as opiniões da revista ou do G.C.A.F.

ÍNDICE

11	Práticas Funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental
25	A recuperación dun contexto para un "tesouro" prehistórico: un proxecto de investigación e valorización patrimonial para O Monte Urdiñeira (Riós- A Gudiña, Ourense)
45	No limiar das 'artes'? - questões em torno da permeabilidade de fronteiras temporais e espaciais da arte rupestre de Trás-os-Montes Ocidental
93	Dos enterramientos de la Edad del Bronce de la provincia de Ourense
107	Estudio de la cerámica del yacimiento de fosas de Fraga do Zorro
123	Repensando el passado: Cambio social e iconografía guerrera en la edad del hierro del noroeste de la Península Ibérica
153	Cultura de frontera. O distrito de Vila Real e a zona meridional da província de Ourense na Idade do Ferro
161	Entre Lusos, Bibalos e Tamagani: a Arqueoloxía transfronteiriza de X. Taboada Chivite
183	Geo-historiografia do programa de investigação arqueológica de Santos Júnior – o Castro de Carvalhelhos
195	La Ocupación del Espacio Común y Privado en la Citania de San Cibran de Lás
209	O Crastoeiro e a ocupação da vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)
219	Generalidades e particularidades da ourivesaria castreja transmontana: Os torques flavienses
237	Patrones de situación de los asentamientos tipo castro en la Comarca de As Frieiras (Orense)
253	Trísceles, Tetrásceles e motivos afins em elementos arquitectónicos castrejos

269 Características castrejas dos povoados do concelho de Vila Pouca de Aguiar

285 Minería romana en la cuenca meridional de los ríos Sil y Miño

303 A mineração romana no conjunto mineiro Chaves/Boticas/Montalegre

311 A exploração mineira nas Olgas (Redondelo, Chaves)

319 A la vera del Larouco: reflejos de la huella Galaico-Romana

333 El poblamiento Romano en la Galicia Oriental: Patrones y diferencias del sur lucense y el norte ourensano. La tierra de Lemos como paradigma

353 Tempos de ocupação castreja e romana em torno da ponte da Misarela e do rio Rabagão

375 A Necrópole Romana do Largo das Freiras em Chaves

385 Terra sigillata da necrópole romana do Largo das Freiras, Chaves

417 Resultados das escavações arqueológicas de 2007 e 2008 realizadas no complexo mineiro Romao de Tresminas e Jales

433 Sobre los orígenes y evolucion de las primeras iglesias rurales en la alta edad media: el caso de Terra de Celanova (Ourenese)

449 Fortificaciones de frontera y paisajes fortificados: Verín, Monterrei y Chaves

467 La Basílica de la Ascensión y Os Fornos (Allariz, Ourense)

479 El Monasterio de San Pedro de Rocas (Esgos, Ourense). La problemática de la datacion e interpretación de un edificio excavado en roca

489 Las distintas transformaciones espaciales y funcionales del Pazo Prioral de la Colegiata de Santa María de Xunqueira de Ambía (Xunqueira de Ambía, Ourense)

499 Silhas do antigo concelho de Ermelo: um projecto de estudo e valorização do património de Mondim de Basto

A EXPLORAÇÃO MINEIRA NAS OLGAS (REDONDELO, CHAVES)

THE MINING IN THE OLGAS (REDONDELO, CHAVES)

Carla Maria Braz Martins
INVESTIGADORA DA U.M. E COLABORADORA EXTERNA DA FEUP. BOLSEIRA DA FCT (BPD); CARLAMARIABRAZMARTINS@GMAIL.COM
Paula Morais
ARQUEÓLOGA; PAULA_MORAIS@NETCABO.PT

Resumo: O local, vulgarmente conhecido por Olgas, situa-se na freguesia de Redondelo, concelho de Chaves. Localizado sobre a margem direita do rio Tâmega, e rodeado por vários afluentes do mesmo, tem uma posição privilegiada sobre a paisagem envolvente.

Neste sítio localiza-se um povoado romano, com uma dispersão de materiais numa área correspondente a 2 ha; em prospecção detectou-se com muita abundância material de construção, cerâmica comum e *sigillatae*.

Na sua proximidade existem diversos trabalhos de mineração; o minério extraído seria a cassiterite para obtenção de estanho.

É certo que a maior parte dos trabalhos visíveis são de época contemporânea; a primeira concessão data de 30/10/1918 para extracção de volfrâmio, e a segunda de 09/10/1954 para extracção de estanho e volfrâmio.

No entanto, dada a imponência do local e o povoado contíguo, que consideramos um povoado mineiro, será certo que desde época romana houve exploração mineira correlacionada com a rede viária.

Palavras-Chave: Povoado mineiro, mineração, vias romanas.

Abstract: *The place, known as Olgas, is located in Redondelo, Chaves, on the right edge of the river Tâmega, having a privileged position on the involving landscape.*

Here, there is a Roman settlement, with a dispersion of materials in a corresponding area of 2 ha; in prospection, it was detected with abundance construction material, common ceramics and sigillatae.

In its proximity there are diverse mining works; the extracted ore was the cassiterite for attainment of tin.

It is certain that most of the visible works are contemporaneous; the first concession dates of 30/10/1918 for the extraction of wolfram, and the second one of 09/10/1954 for the extraction of tin and wolfram.

However, given the magnificence of the place and the contiguous settlement, that we consider a mining settlement, it is certain the mining exploration since Roman times connected with the road netting.

Keywords: *mining settlement, mining works, roman road netting.*

1. Introdução

Na freguesia de Redondelo, concelho de Chaves, foram detectados trabalhos mineiros de época romana e contemporânea, no sítio denominado Olgas, associados a um povoado mineiro (fig. 1).

O local encontra-se situado numa zona de contacto entre xistos e granitos de época Silúrica, onde se encontram filões quartzosos com uma orientação N-S ou E-W, com espessuras que variam entre os 0,10 e 0,30 m (Teixeira *et al.*, 1974: 30). Estes filões contêm predominantemente estanho e volfrâmio, e também ouro. O minério principal explorado terá sido diferente consoante as épocas em questão; designadamente, o ouro e cassiterite (para obtenção de estanho) em época romana e o volfrâmio em época contemporânea.

Toda a área em questão tem um bom enquadramento hidrográfico, já que se localiza a Noroeste do rio Tâmega (margem direita) e entre pequenos afluentes do referido rio.

A exploração mineira mais visível na paisagem está relacionada com a época contemporânea. No entanto, existem trabalhos que seguramente foram efectuados em época romana e que se encontram articulados com um povoado mineiro contíguo aos mesmos.

O povoado mineiro apresenta vestígios de materiais de construção romanos, assim como cerâmicos: cerâmica comum romana e uma *sigillata* hispânica.

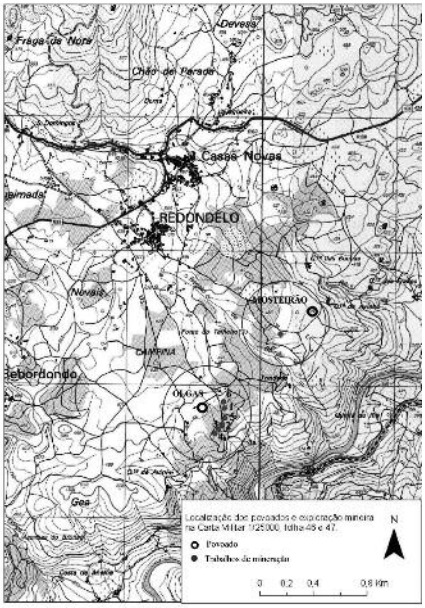

Figura 1. Localização dos povoados e exploração mineira nas Olgas e no Mosteirão

2. Exploração mineira

O local apresenta numerosos vestígios de trabalhos mineiros contemporâneos, que remontam aos inícios do séc. XIX; nomeadamente, no ano de 1878 foi efectuado um primeiro registo de «… *uma mina de volfram e outros metaes que costumam acompanhar aquelle, no sitio da Olga, à Campina*, …» (TRDM, 24/07/1878: f.2). A prospecção casual, realizada na altura, a nível do solo e subsolo revelou uma associação mineralógica de volfrâmio, sulfuretos de arsénico e outros metais, que se estendiam não só por este local (Olgas), mas também pelas propriedades adjacentes. Tal facto, levou a que em 1918 fosse registada a primeira concessão para extracção de volfrâmio (Campina 1) e em 1954 para estanho e volfrâmio (Campina 2) (MCC, s.d.: 68 nº 818 e 182 nº 2967).

Por entre alguns dos trabalhos acima mencionados, subsistem ainda resquícios de mineração de época romana bastante descaracterizada pelos primeiros. Contudo, foram detectados os seguintes trabalhos de mineração:

Trincheira com 11,70 m de comprimento, largura de 3,60 m e altura de 1,80 m; apresenta uma galeria com tecto abobadado e hasteais aprumadas. Localiza-se a 7º 33' 41,75'' W, 41º 41' 36,72'' N e a uma altitude de 524 m. Tem uma orientação N/S com a galeria voltada a Norte (fig. 2).

Figura 2. Trincheira nº 1 com galeria

Três trincheiras paralelas, com 11,50 m de comprimento e 5,10 m de largura; o espaço entre trincheiras é de 2,20 m. Localizam-se a 7º 33' 40,85'' W, 41º 41' 35,32'' N e a uma altitude de 488 m. Têm uma orientação N/S.

Trincheira com 11 m de comprimento e 4,50 m de largura. Localiza-se 7º 33' 39,55'' W, 41º 41' 34,32'' N e a uma altitude de 502 m. Tem uma orientação E/W, apresentando ainda os restos de filão que foi desmontado, sendo visíveis pequenos filonetes com cerca de 2,5 cm de espessura.

Trincheira muito entulhada com vegetação, não tendo sido possível apurar as suas dimensões. Localiza-se a 7º 33' 40,65'' W, 41º 41' 35,02'' N e a uma altitude de 494 m. Tem uma orientação E/W.

Trincheira muito entulhada com vegetação, não tendo sido possível apurar as suas dimensões. Localiza-se a 7º 33' 41,49'' W, 41º 41' 34,72'' N e a uma altitude de 492 m. Tem uma orientação E/W.

Trincheira com 17 m de comprimento e 9 m de largura; apresenta uma galeria com tecto abobadado. Localiza-se a 7º 33' 41,75'' W, 41º 41' 37,12'' N e a uma altitude de 506 m. Tem uma orientação E/W.

O tipo de exploração encontra-se assim consubstanciado numa exploração a céu aberto, compreendendo trincheiras de pequena envergadura e desmontes superficiais, e eventualmente numa exploração subterrânea através de galerias.

Figura 3. Povoado das Olgas

O sistema de produção terá sido selectivo, desmontando-se o estritamente necessário para remoção do filão do minério.

Associado a estes trabalhos de época romana, existe nas suas imediações um pequeno povoado com cerca de 2 ha e com numerosos vestígios de materiais da época referida (fig. 3).

Figura 4. Escórias recolhidas no povoado das Olgas

Este povoado foi considerado como mineiro devido à sua proximidade com a exploração romana, tendo-se aí processado a transformação do minério, desde a britagem, moagem, desengrossamento, até à obtenção do metal, resultado das operações metalúrgicas, a avaliar pelos inúmeros fragmentos de quartzo e escórias encontrados.

As análises efectuadas a amostras de quartzo com restos de encosto revelaram a presença de ouro, enquanto que as escórias são praticamente só ferro. Isto demonstra o elevado grau de depuração do processo metalúrgico, daí que

as escórias contenham unicamente o não desejável.

A presença de fragmentos de barro com restos de escória (fig. 4) parece comprovar a existência de um forno no local.

Esta exploração mineira terá ganho uma certa amplitude e importância, expandindo-se para as áreas limítrofes com a mesma caracterização mineralógica, embora com substratos geológicos diferentes. É o que acontece com a zona do Mosteirão (granitos Hercínicos), onde se observa uma trincheira com cerca de 16 m de comprimento, localizada 7º 33'' 23,10'' W, 41º 41' 54,31'' N e a uma altitude de 477 m.

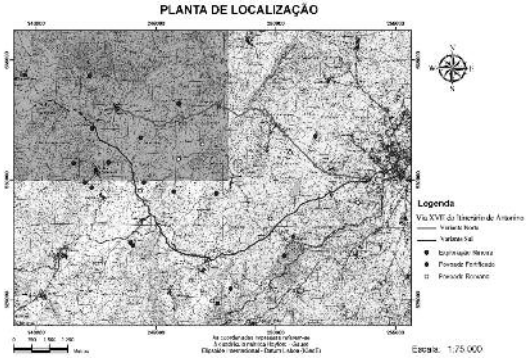

Figura 5. Localização da via XVII do Itinerário de Antonino

Assim sendo, a necessidade de se criar um povoado de maiores dimensões, coloca a hipótese do existente no Mosteirão, com cerca de 5 ha, estar articulado com a exploração mineira das Olgas e como tal, o povoado mineiro passar a ter uma função específica no tratamento do minério. Na realidade, o povoado do Mosteirão (7º 33' 11,15'' W, 41º 41' 58,83'' N a uma altitude de 463 m) tem uma localização estratégica sobre o vale do rio Tâmega, controlando visualmente uma vasta área, como seja o castro de Curalha.

Em prospecção foram achados materiais de construção e cerâmica comum romana.

3. Correlação do local com a Via XVII e o conjunto mineiro do Vale do Terva

Toda a área mineira correspondente ao local das Olgas e Mosteirão encontra-se a Sudeste da falha com um filão quartzoso (N20-30E da Serra do Ferro) que vem desde Vilarelho da Raia (Chaves), passando por Vilela Seca, Soutelo, Poço das Freitas, Sapiãos, Pinho e termina perto de Curros (Boticas). A sua relativa proximidade às frentes de exploração ao longo da referida falha

e do Vale do Terva, nomeadamente, Poço das Freitas (Bobadela), Batocas (Bobadela), Batocas (Ardãos), Lagoa do Brejo (Bobadela) e castro de Sapelos (Sapiãos), e de um mesmo minério a ser explorado, o ouro, leva a crer que toda esta zona fosse autónoma do ponto de vista da mineração (Lemos e Meireles, 2006: 177). O povoado romano de Sapelos deverá ter sido o aglutinador desta área mineira, onde foi encontrada uma ara a Júpiter (Colmenero, 1997: 85 nº 49), admitindo-se ter existido um *vicus* relacionado com a exploração mineira, e com uma variante do traçado da via XVII entre *Bracara Augusta* e *Asturica* (por *Aquae Flaviae*) que a cruzava em toda a sua extensão.

O traçado da via XVII, nesta zona, levanta ainda grande problemática, colocando-se até ao momento uma hipótese de via principal com uma variante (fig. 5). Deste modo, existirá uma variante a Norte, que vem desde o Pindo (Montalegre), passando por Ardãos (Boticas), Seara Velha (Chaves), Valdanta (Chaves) e Chaves, considerada normalmente como o traçado principal, tendo em conta que apresenta um traçado de menor extensão e topograficamente mais equilibrado, conservando troços continuados de via, sendo portanto mais rápida a deslocação a *Aquae Flaviae* (Morais, 2005).

A localização da grande frente de exploração aurífera do Poço das Freitas e o miliário de Augusto achado na vertente ocidental da Serra da Pastoria, apesar de reutilizado como sarcófago, e como tal deslocado da sua posição original, poderão constituir indícios da passagem da via por um traçado diferente da proposta Ardãos /Seara Velha. O novo traçado sendo, mais extenso aproveita contudo uma portela natural na bacia do Terva entre a povoação de Sapelos e Sr. dos Milagres (Boticas) em direcção a Redondelo (Chaves), Casas Novas (Chaves) (fig. 6), Curalha (Chaves), Cando (Chaves), Casas dos Montes (Chaves) e Chaves. O percurso entre o Alto do Pindo (Montalegre) e a zona de Bobadela (Boticas), em direcção ao

Figura 6. Visualização de troço da via na zona de Casas Novas

Poço das Freitas apresenta, no entanto, algumas dificuldades, sobretudo no que respeita ao traçado correspondente à ligação Alto do Pindo – Castro da Malhó. A constante desmatação e abertura ou reaproveitamento de caminhos ao longo da encosta de acentuado declive em direcção ao Alto do Pindo, impossibilitou a definição rigorosa do seu traçado antigo. No entanto, a norte do Castro da Malhó são ainda visíveis os vestígios de um caminho que mostra cortes profundos no afloramento granítico, claramente indicativos de uma utilização constante (Morais, 2005).

A existência desta segunda variante estará correlacionada com a exploração mineira aurífera, recurso vital para a economia romana, e com o estabelecimento posterior de um *vicus* situado em Sapelos. Assim sendo, a sua importância terá sido maior que a primeira, não querendo significar que esta última tenha deixado de ser utilizada, uma vez que seria útil para deslocações mais rápidas, como para os exércitos.

4. Considerações finais

A exploração mineira nas Olgas e Mosteirão (Redondelo) encontra-se integrada no conjunto mineiro que agrega as explorações do Vale do Terva.

A importância de toda esta área é atestada por uma intensa procura do minério ouro, articulando-se a exploração dos recursos mineiros com os traçados das vias romanas, já que por Redondelo passa uma variante da via XVII que liga o Pindo (Montalegre) a *Aquae Flaviae*.

Aquae Flaviae será uma *civitas* de fundação mineira que dominará toda esta região (Lemos e Martins, 2008).

Bibliografia

COLMENERO, A.R. (1997) – *Aquae Flaviae 1. Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.

COLMENERO, A.R.; SIERRA, S. F.; ASOREY, R.D.A. (2004) – *Callaeciae et Asturiae itinera romana. Miliarios e outras inscricións viarias romanas do Noroeste Hispánico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

FONTES, L.F. de; ANDRADE, F.J.S. de (2005) – *Revisão do inventário arqueológico do concelho de Boticas*. Braga: Universidade do Minho/Câmara Municipal de Boticas.

LEMOS, F.S.; MARTINS, C.M.B. (2008) – *Civitates e exploração aurífera romana no Noroeste da Península Ibérica*. Comunicação apresentada no V Simposio Internacional Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeu (León).

LEMOS, F.S.; MEIRELES, C.A.P. (2006) – Mineração aurífera no *conventus* de *Bracara Augusta*. In *3º Simpósio sobre mineração e metalurgia históricas no Sudoeste europeu*. Porto: SEDPGYM e IPPAR, p.

169-183.
LEMOS, F.S.; MORAIS, P. (2004) – Vias augustas e mineração aurífera. *Forum* 36, Braga, p. 15-56.
MARTINS, C.M.B. (2005) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Porto: FLUP (dissertação de Doutoramento policopiada).
Minas concedidas no continente desde Agosto de 1836 a Dezembro de 1962 (MCC). Lisboa: Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, s.d..
MORAIS, P. (2005) – *Via romana. O traçado da via XVII do Itinerário de Antonino, via Bracara-Asturica por Aquae Flaviae*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves (policopiado).
TEIXEIRA, C.; ASSUNÇÃO, C. T. de; COELHO, A.V.P. (1974) – *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50000, notícia explicativa da folha 6-B Chaves*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
Termo de Registo do Descobrimento de Minas (TRDM). Chaves e Paços do Concelho (com início a 16 de Junho de 1868).